

# 'Flying Sharks' em Congresso Ibérico em Aveiro

## Vejas e bodiões do mar dos Açores estão em aquários públicos do Brasil e Rússia



As vejas estão entre as espécies mais pretendidas pelos aquários públicos

**2017 foi um dos melhores anos para a empresa 'Flying Sharks', com instalações nos Açores e em Peniche. A empresa exporta sobretudo peixes ornamentais para aquários públicos de todo o mundo. Depois do Médio Oriente, China, Japão e Singapura, foram feitas, pela primeira vez no ano passado, exportações de espécies para aquários do Brasil e da Rússia. Os bodiões e as vejas estão entre as espécies mais solicitadas. João Correia vai estar a representar a empresa no I Congresso Ibérico de Aquariorfilia e Aquariorlogia que se realiza de 16 a 18 de Março na cidade de Aveiro.**

A empresa 'Flying Sharks' existe desde 2006 e é especializada na captura de peixes vivos e espécies invertebradas na costa portuguesa, mais precisamente nos Açores e em Peniche, com o propósito de serem enviados para aquários públicos de todo o mundo, sendo o Oceanário de Lisboa um dos principais clientes deste fornecedor.

Para além de serem aquários, o que todos os clientes da empresa têm em comum é o facto de serem todos aquários públicos, uma escolha da empresa, que pretende deste modo justificar todas capturas com a oportunidade de ajudar na educação do público no que diz respeito à variedade das espécies marinhas e à conservação do ambiente aquático, uma vez que, de acordo com João Correia, os aquários públicos são grandes defensores da conservação ambiental em meio marinho: "Para nós é muito

importante que os peixes que capturamos tenham um fim que justifique essa captura", afirma.

Mas se há quem possa pensar que este aspecto limita o sucesso da empresa, o gerente da 'Flying Sharks' diz-nos que pelo contrário, uma vez que as exportações de espécies marinhas que fazem parte da população marinha nos Açores e na costa portuguesa em geral são muito requisitadas por aquários públicos de todo o mundo.

O ano de 2017, por exemplo, foi um dos melhores anos para a empresa, assegurou João Correia, pois no ano passado, para além das exportações feitas para o Médio Oriente, China, Japão e Singapura, foram feitas, pela primeira vez, exportações de espécies para aquários do Brasil e da Rússia, tendo o gerente da empresa referido que há a possibilidade de, este ano, voltarem a concretizar exportações para estes dois pontos do globo, um indicador que manifesta o sucesso da empresa no meio e a sua evolução no mercado.

Das espécies com mais procura estão principalmente os peixes ornamentais, como os bodiões, as vejas, os carapaus e as barracudas. Já a forma de captura pode variar em vários aspectos, tendo sempre em comum a utilização de redes, por ser, de acordo com João Correia, a forma menos agressiva de captura.

Assim, a estratégia mais comum para a captura das espécies passa por "a rapaziada mergulhar com a garrafa de oxigénio às costas e com uma pequena rede em que mais se parece estar a apanhar borboletas. Depois, os peixes são trazidos à superfície

e são mantidos numa instalação em Peniche ou na Horta, onde são mantidos durante uma semana até serem enviados para o cliente".

Outra forma de captura dos peixes vivos é feita enquanto a maré está baixa, junto a praias, por exemplo, "permitindo a captura fácil de pequenos peixes", refere o empresário. Por fim, são ainda realizadas capturas através da colaboração com pescadores locais, que quando saem para o alto mar são acompanhados por elementos da 'Flying Sharks' que aproveitam a ocasião para fazerem a suas capturas de forma independente.

Dado o seu crescimento nesta área e a constante vontade de evoluir, João Correia estará a representar a empresa no I Congresso Ibérico de Aquariorfilia e Aquariorlogia, que se irá realizar de 16 a 18 de Março na cidade de Aveiro, no Campus Universitário de Santiago, onde irá apresentar o tema "Aquariorlogia e Conservação", que irá abordar a forma como os aquários públicos contribuem para a conservação do meio ambiente marinho e na importância que têm para a investigação que ocorre nesta área.

Esta é uma aposta da empresa no crescimento nesta área, uma vez que assim poderão divulgar o seu trabalho e arrecadar novos clientes que ajudem a garantir o sucesso da empresa no futuro. No momento, apesar de a 'Flying Sharks' não ter dificuldades em arrecadar os pedidos que lhe são feitos, a empresa conta com seis pessoas, estando, de acordo com João Correia, a preparar a entrada de um sétimo elemento para a equipa.

Joana Medeiros

## Na Corda Bamba



Por: Álvaro Dâmaso

## Até tu, Banco Mundial!?

Entre as causas do declínio acentuado da democracia representativa sobressai a notória erosão das instituições constituídas política e especificamente para a consolidar. O que é que a provoca? São variados os agentes corrosivos: a corrupção, o protagonismo impróprio dos eleitos, a conversão do mandato eleitoral num programa de atuação e objetivo pessoais. Quais são as consequências? O aparecimento de um novo tipo de democracia, as autoritárias, ou antiliberais segundo os especialistas. São, contudo, caracterizadas por resultarem de eleições gerais, até consideradas regulares e justas, mas de natureza e conteúdo diferente: o Estado fica, depois de instaladas, dominado por um líder, nacionalista e populista, que rapidamente enfraquece o pluralismo político e o parlamento, assim como a independência do poder judicial. A oposição é descredibilizada e perde capacidade de intervenção e comunicação. Subitamente, quase sem saber como, vê-se obrigada a trocar o discurso parlamentar pela ocupação e atuação de rua. A liberdade de imprensa é, subtil ou mesmo repressivamente, objeto de relevantes restrições. São muitos os exemplos do que afirmo, na América Latina (Venezuela, Bolívia, Equador), na Europa (Hungria, Polónia) e talvez deva juntar ainda os "pesos pesados", China, Rússia, Turquia com uma trajetória consolidada e mais longa.

Recentemente, a erosão institucional, por mera extensão das nacionais ou potenciada por uma estratégia concertada desenvolvida no plano internacional, tal como é possível identificar noutros momentos da história mundial com contornos muito semelhantes, gera metástases que se desenvolvem nas instituições internacionais. De tudo, Trump é um insonte peão de brega.

O caso, muito recente, que vos passo a narrar, recolhido da imprensa, é um exemplo, não singular.

No decurso da viagem do Papa ao Chile que ocorreu na semana finda, e enquanto se penalizava e pedia perdão pelos crimes de pedofilia e outro cometidos pela Igreja naquele país, tornou-se conhecida uma denúncia de manipulação de dados estatísticos, que dá conta da vulnerabilidade das instituições internacionais ao mais alto nível, com consequências muito graves. O economista-chefe, Paul Romer, do Banco Mundial, fazendo uso do seu "blogue" acusou aquela instituição bancária a que pertence de ter alterado métodos de cálculo que prejudicaram significativamente a classificação do Chile quanto à competitividade da sua economia no plano internacional num determinado mandato presidencial.

Concretamente, no relatório do Banco Mundial, Doing Business, que mede a competitividade das economias nacionais e é guia seguido pelos investidores internacionais, o Chile, em 2013 foi colocado em 46º lugar, e em 2016 em 57º lugar, quando, se a metodologia não tivesse sido modificada, lhe teria sido atribuído o 34º e três anos depois no 48º. A classificação mais gravosa foi dada no mandato da Presidente Michelle Bachelet, socialista. Ela ainda recebeu o Papa, mas já em fase de transferência de poderes que concluirá um destes dias a favor do vencedor Sebastián Piñera, um multimilionário de direita, que pela segunda vez será o presidente do Chile.

Paul Romer o diretor do Banco Mundial declarou ao "The Wall Street Journal" que a alteração de metodologia do Banco Mundial estaria "potencialmente contaminada por motivações políticas da equipa do Banco Mundial". Seguiram-se as reações do Banco Mundial equivalentes às que já nos habituámos no nosso próprio País, a respeito de outros factos e de outros comportamentos: as mudanças de "metodologia tiveram lugar num contexto aberto e transparente"; foi ordenada uma revisão externa dos indicadores do Chile no relatório "Doing Business"; o governo do Chile, segundo Bachelet, ainda presidente, solicitará "formalmente ao Banco Mundial uma investigação completa"; o presidente reeleito, Sebastián Piñera, declarou à comunicação social, "é preciso saber a verdade antes de nos precipitarmos com acusações e conclusões que podem ser prematuras". Para quando? Segundo que verdade?

Será premiado o leitor que descobrir as diferenças entre o que acabo de narrar e o que ouvimos e lemos em situações equivalentes no nosso País.